

# Eles vivem nos subterrâneos do poder

Cerca de 70 famílias ocupam túneis inacabados em Brasília, perto da residência de Collor

ROSANE GARCIA

BRASÍLIA — O Eixo Rodoviário Norte do Plano Piloto de Brasília, pista de acesso à Casa da Dinda, residência do presidente Fernando Collor, esconde um mundo subterrâneo de miséria que o governo do Distrito Federal quer agora erradicar. São mais de 70 famílias, em sua maioria migrantes nordestinos, que nos últimos anos passaram a ocupar as passagens para pedestres inacabadas, projetadas para ligar as pistas leste e oeste que atravessam a Asa Norte.

Os migrantes, instalados em verdadeiras tocas, convivem com um mundo externo contrastante: belos edifícios residenciais ocupados pela classe média alta, cercado de muito verde.

Nesse cenário de contradições vive, há seis meses, José Carlos Barbosa, de 34 anos, com seis filhos e a mulher. Nascido em Palmeiras dos Índios (AL), ele votou em Fernando Collor nos dois turnos da eleição presidencial. Desempregado em sua cidade, onde trabalhava como lavador de carros num posto de gasolina, tentou a sorte no meio rural de Mato Grosso. Mais uma vez desempregado, José Carlos disse que se mudou pa-

ra Brasília na esperança de ser beneficiado pelas promessas de seu candidato. "Mas até agora nada", desabafou.

Para comer, junto com os filhos e a mulher, José Carlos faz bicos como chapista (empilhador de caixas) no Ceasa, onde fatura em média mil cruzeiros por dia. "Só dá mesmo para comer", lamentou. Ele relatou que na semana passada não conseguiu ganhar nada e vive tenso com a expectativa de ser despejado, a qualquer momento, pela Secretaria de Viação e Obras do Distrito Federal (SVO).

De acordo com a notifica-

ção da SVO, José Carlos terá prazo de 48 horas para deixar o túnel que ocupa. "Ir para onde?", pergunta. Ele afirmou que foi informado pelo Serviço Social do governo de que não há dinheiro disponível para ele adquirir passagens de retorno à sua cidade de origem.

O drama de José Carlos é o mesmo de outros migrantes. Expulsos pela seca, dez famílias procedentes de Irecê (BA) não tiveram outra alternativa senão a de buscar abrigo nos subterrâneos do eixo rodoviário. "Tenho esperança de ganhar um lote e construir

um lar", disse Girleide dos Santos, de 22 anos, mãe de dois filhos. Junto com o marido, Luiz da Silva Santos, da mesma idade, ela também votou em Fernando Collor.

Há um ano e dois meses dividindo o espaço do túnel com mais quatro famílias, Girleide não se intimida com a ameaça de despejo feita pelo governo. "Não vou voltar para a Bahia e morrer de fome", garantiu. Segundo ela, algumas famílias conseguiram voltar aos seus Estados, mas cedo ou tarde elas retornarão a Brasília, por causa da fome e da seca.

## PANO DE FUNDO

A mesma miséria que margeia o eixo rodoviário norte e cria constrangimentos para as autoridades do Distrito Federal serve de cenário para políticos de outros Estados e assegura densidade eleitoral para os candidatos locais. Na última terça-feira, o candidato a deputado federal pelo PRN do Amapá, Antônio Justa Feijão, utilizava um grupo de desabrigados como cenário para produzir um filme de sua campanha.

Segundo Feijão, chegam diariamente a Brasília dois mil amazonenses, levados pela miséria. Há pouco mais de dois anos, o programa Retorno com Dignidade, criado pelo ex-governador José Aparecido de Oliveira, foi severamente combatido pelos políticos brasileiros. Aparecido foi acusado de querer exportar miséria para outros Estados ao conceder passagens para que os migrantes retornassem às suas cidades de origem.

## Famílias devem sair da área

O governo do Distrito Federal decidiu que até dia 30 vai retirar todas as famílias que ocupam as passagens subterrâneas do Eixo Rodoviário Norte. Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Social, muitas deverão retornar a seus Estados de origem e quem ficar passará por uma triagem no Centro de Apoio Social, ainda em construção na cidade satélite de Taguatinga, a 22 quilômetros do Plano Piloto. As passagens serão aterradas e gramadas para evitar novas ocupações.

Para a secretária de Desenvolvimento Social, Maria Alice Guimarães Borges, a ocupação dos subterrâneos é uma forma de os migrantes pressionarem o governo para conseguir um lote. O programa de distribuição de lotes,

iniciado pelo ex-governador Joaquim Roriz, atendeu a cerca de 200 mil pessoas no ano passado. Interrompido em fevereiro, ele deverá ser reiniciado no mês que vem. A previsão é de que nessa nova etapa, que irá até o final do ano, sejam assentadas mais dez mil pessoas.

Maria Alice adverte que depois dessa etapa não haverá mais assentamentos e o governo vai iniciar a fase de criação de infra-estrutura nos núcleos habitacionais. "Brasília não comporta mais gente", disse a secretária. Segundo ela, a oferta de emprego é insuficiente para absorver a mão-de-obra dos migrantes e, além disso, o Plano Collor inibiu as atividades do setor da construção civil, onde grande parte deles trabalhava.



André Dusek/AE

Migrantes: famílias grandes vivem em verdadeiras tocas